



ALGUNS ELEMENTOS DO COMPORTAMENTO MORAL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Washington Drummond da Silva ¹

RESUMO

O presente trabalho pretende fomentar a discussão metodológica nas pesquisas em Geografia, estendendo-se também às outras ciências humanas, com foco na temática das moralidades. Para tanto, utiliza-se um instrumento piloto, aplicado ao longo do segundo semestre do ano de 2024, na cidade do Rio de Janeiro, durante o meu doutoramento, enquanto exemplo elucidativo dos limites, das escolhas, dos resultados e dos desafios metodológicos. Notou-se que antes mesmo da escolha do objeto de estudo, o cunho moral (individual, social ou institucional) se faz presente na trilha do pesquisador, bem como nas abordagens e métodos a serem adotados. O piloto aqui explorado passou por alguns desses desafios e por isso se qualifica com um bom caso ilustrativo. Ele foi operacionalizado por 285 questionários semiestruturados e pela observação direta ocorridos nas zonas cariocas: Sul, Norte, Oeste, Sudoeste e Centro. Foram contempladas seis condutas: pets em shoppings, uso de roupa de banho fora da praia; uso de maconha, comportamento homoafetivo e amamentação em público; e relacionamentos não monogâmicos; com cortes por gênero, idade, escolaridade e bairro. Os entraves da operacionalização dificultaram a aferição de um comportamento e provavelmente contaminaram outro. Sobre os dados processados, destacam-se: mulheres mais conservadoras do que os homens, o Centro mais progressista em oposição direta à Zona Oeste, os pós-graduandos mais tolerantes a posturas vistas como imorais para o senso comum, e, por fim, a faixa etária de 36-40 atuando como divisor de águas de costumes.

Palavras-chave: Comportamento moral, espacialidade, conduta, desafios metodológicos.

RESUMEN

El presente trabajo pretende fomentar el debate metodológico en las investigaciones en Geografía, extendiéndose también a otras ciencias humanas, con especial atención a la temática de las moralidades. Para ello, se utiliza un instrumento piloto, aplicado a lo largo del segundo semestre del año 2024, en la ciudad de Río de Janeiro, durante mi doctorado, como ejemplo ilustrativo de los límites, las elecciones, los resultados y los retos metodológicos. Se observó que, incluso antes de elegir el objeto de estudio, el carácter moral (individual, social o institucional) está presente en la trayectoria del investigador, así como en los enfoques y métodos que se adoptarán. El piloto aquí explorado pasó por algunos de estos desafíos y, por lo tanto, se califica como un buen caso ilustrativo. Se llevó a cabo mediante 285 cuestionarios semiestruturados y la observación directa en las zonas de Río de Janeiro: Sur, Norte, Oeste, Suroeste y Centro. Se contemplaron seis conductas: mascotas en centros comerciales, uso de ropa de baño fuera de la playa; consumo de marihuana, comportamiento homoafectivo y lactancia materna en público; y relaciones no monógamas; con cortes por género, edad, nivel educativo y barrio. Los obstáculos operativos dificultaron la evaluación de un comportamiento y probablemente contaminaron otro. Entre los datos procesados, destacan: las mujeres más conservadoras que los hombres, el Centro más progresista en oposición directa a la Zona Oeste, los estudiantes de posgrado más tolerantes con posturas consideradas inmorales para el sentido común y, por último, el grupo de edad de 36 a 40 años como divisor de aguas en cuanto a costumbres.

¹ Doutorando do programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, mr.silva2@yahoo.com.br



Palabras clave: Comportamiento moral, espacialidad, conducta, retos metodológicos.

INTRODUÇÃO

A investigação explorada nesse artigo é fruto do meu projeto de pesquisa de doutorado² em curso, iniciado no primeiro semestre do ano de 2024, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Dessa forma, o conteúdo se encontra em vias de planejamento e com resultados preliminares, o que não exclui a possibilidade de reflexão sobre os **demais ...**

A proposta apresentada no grupo de trabalho 44 (enfoques geográficos sobre a cultura: conceitos, teorias e métodos) se destinou a discutir os alicerces, escolhas, limites e desafios metodológicos da pesquisa voltada à temática das moralidades, bem como a trazer alguns dados preliminares para a discussão conceitual.

O fenômeno da moral tem sido amplamente estudado por outras áreas do conhecimento integrantes do grande leque das ciências humanas, desse modo, não é difícil apreciar estudos que discutam as dimensões filosóficas (Rachels e Rachels, 2013), psicológicas (La Taille, 2010), sociológicas e antropológicas (Werneck e Ferreira, 2023) da moralidade. Alguns desses estudos, inclusive, não negam a questão espacial do fenômeno, porém a abordam de forma secundária. Tal limitação oportuniza a contribuição da Geografia na investigação das relações entre o espaço e a moral.

Na medida em que a moral participa na forma como existimos e organizamos a vida social (Smith, 2000), sua influência passa a ganhar notória relevância para a compreensão da ordenação do espaço geográfico. Isso posto, a Geografia Moral, um subcampo da Geografia Cultural, emerge atento a diversos atributos (causas, implicações, dinâmicas, formas, valores, deveres, funcionamento, temporalidades e configurações) da moralidade a partir da ótica espacial

A premissa central desse trabalho advoga que a moralidade é um fenômeno social que apresenta uma dimensão espacial. As noções de obrigatoriedade e dever, de conduta e valores (lidos como corretos/aceitáveis ou errados/repudiáveis) se manifestam no, pelo e a partir do espaço geográfico, gerando configurações espaciais do agir humano. Assim, diferentes comportamentos tornam-se observáveis em distintas localidades de uma mesma cidade, conforme exemplificado por Guimarães (2016) e Júnior (2017) em suas análises das crônicas de Olavo Bilac sobre a geografia moral da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.

² O autor é beneficiário de bolsa de estudo em doutorado da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ.



Vale ressaltar que, na pesquisa em questão, a referência é à cidade do Rio de Janeiro, uma metrópole. Em outras dimensões e escalas urbanas — como nas cidades médias, pequenas ou naquelas originadas de outras configurações (gêmeas, universitárias, dormitório) —, a dinâmica e a expressão do fenômeno provavelmente apresentariam configurações distintas.

Para além de ser uma cidade grande, o Rio de Janeiro ainda apresenta algumas particularidades que a candidatam enquanto um promissor “laboratório” para análise das questões morais.

Como em qualquer grande cidade situada na periferia do mundo capitalista, a estrutura interna do seu tecido socioespacial revela ampla diversidade³. No entanto, o sítio urbano e o desenvolvimento histórico desse núcleo metropolitano conferiram-lhe uma organização espacial singular, na qual se observam antagonismos contíguos, como favelas incrustadas em meio aos bairros mais nobres.

A diversidade da capital fluminense foi também um fator decisivo na adoção da escala geográfica da pesquisa, pois acredito que em uma cidade com tantas especificidades socioculturais, o recorte municipal permite observar pequenas nuances locais (as quais podem trazer resultados destoantes), que ficariam invisíveis em meio a uma observação espacial mais detalhada (bairro/rua) ou mais generalizada (região metropolitana/estado).

Por fim, o contato histórico deste pesquisador com as diversas porções da cidade — sendo autóctone por natureza e possuindo laços familiares em quatro das cinco zonas urbanas (norte, sul, oeste e sudoeste) — possibilitou-lhe transitar por diferentes áreas e observar, ao longo da vida, suas distintas dinâmicas, ritmos e valores. Somado a isso, o fator logístico relacionado à realização dos trabalhos de campo também contribuiu para a escolha do recorte espacial adotado na pesquisa.

Dito isso, algumas questões surgiram: o comportamento moral é influenciado ou condicionado pelo lugar onde as pessoas estão localizadas? A resposta é sim, a literatura sobre o tema é vasta a esse respeito. Ou seja, a Geografia, efetivamente, qualifica a moral. Dessa forma, podemos afirmar que uma conduta pode ser concebível em uma localidade (bairro, rua, zona, quarteirão, etc.) e repudiável em outra. Diante disso, os desafios se amplificam nas perguntas por vir.

Como mensurar e quantificar a mudança das condutas morais em uma cidade? Como representar essa mudança? Como capturar e demonstrar o fenômeno? Como verificar as

³ Diferenças de renda, de modo de vida, de traços étnicos, de religiosidades, de hábitos cotidianos, de vestimenta, de comportamento, de gostos, de paisagens, de lugares e de significados construídos, etc.



partes da cidade que alguns julgamentos e práticas passam a ganhar maior ou menor importância? Como verificar a motivação moral que leva os indivíduos a agirem de distintas maneiras em diferentes espaços? Quais perguntas fazer-lhes? Onde, como e quando fazê-las? Que espacialidades morais eles podem suscitar?

Em face da problemática e premissa levantadas, o presente artigo objetiva fomentar a discussão metodológica em torno das pesquisas em Geografia (e áreas afins) com foco na temática das moralidades. Paralelamente, busca-se interpretar alguns comportamentos morais aferidos de forma na cidade do Rio de Janeiro. Como hipótese, acredita-se que esse fenômeno apresenta mecanismos de dispersão e concentração — demarcados por fronteiras ou zonas de transição — que geram espacialidades de códigos de conduta não escritos⁴, porém socialmente percebidos e reproduzidos no tecido socioespacial da cidade.

A intenção final foi mensurar determinados comportamentos morais, de modo a avaliar se fatores como localização, idade, gênero e escolaridade influenciaram na concepção e a manifestação desses códigos de conduta, bem como em que medida o fizeram. Ao mesmo tempo, buscou-se compreender, no sentido inverso, como esses valores e condutas participaram na produção do espaço urbano carioca.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos se dividiram em quatro partes. Inicialmente, foi realizada uma sucinta revisão da arte, para fins de situação da presente pesquisa e de posicionamento frente ao conceito de moral a ser adotado. Nessa trilha, realizei uma revisão bibliográfica com foco na discussão teórico-conceitual do fenômeno da moral a partir da perspectiva de outros campos de estudos oriundos da grande área das humanidades: a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia Social. Logo após, me aprofundei nos estudos realizados no campo da Geografia Humana, visando compreender como outros autores abordaram o fenômeno em meio às preocupações de ordem espacial, e de quais métodos lançaram mão.

Nesse momento, me deparei com o subcampo da Geografia Moral: um relevante conjunto de autores, pesquisas e ensaios publicados desde as décadas de 80, abordando temáticas como paisagens morais, regulação moral, moralidade na geografia, geografia moral e escala, geografias morais de determinadas localidades, entre alguns outros.

⁴ Contudo em alguns casos são escritos, seja por normatizações inscritas em forma de placas e orientações nas paisagens, termos de condutas recebidos em ingressos, contratos, permissão de acesso a alguns lugares, etc.



Em um segundo momento, o conceito de espaço urbano foi examinado, elencando as suas características, componentes e atores. Com esse referencial em mãos, avancei para o caso concreto da cidade do Rio de Janeiro. Alguns dados secundários socioculturais da cidade foram levantados⁵ (renda, etnia, gênero, faixa etária e escolaridade) e, ciente da impossibilidade de se trabalhar⁶ com todos os aspectos morais e em toda a extensão territorial de um centro metropolitano como a capital fluminense, realizei uma seleção espacial amostral com base nas cinco zonas⁷ da cidade: sul, norte, oeste, sudoeste e centro.

Finalmente na fase três, o trabalho de campo piloto foi aplicado. Essa etapa contempla grande parte dos desafios procedimentais enfrentados até o presente momento. Nela realizei uma triangulação de métodos composta por entrevistas semiestruturadas, questionários semiestruturados e observação direta nos espaços da cidade selecionados na etapa anterior. Com isso, foi possível levantar dados quantitativos e qualitativos primários a respeito de alguns códigos e condutas morais espacializados pela cidade carioca.

Outras pesquisas que tomam a moral como eixo central de investigação também apresentaram desafios análogos. Lee e Smith (2000) argumentam que, antes mesmo de se pensar em uma Geografia da moralidade, é preciso considerar a moralidade da própria Geografia. Isso porque diversos elementos teóricos e metodológicos — anteriores, concomitantes e posteriores à pesquisa — como o instrumento utilizado, a escolha do tema, a abordagem adotada, a seleção dos locais de coleta, a aplicação prévia ou posterior do TCLE, além dos recortes temporal e espacial, são definidos a partir dos contextos morais nos quais o pesquisador, assim como suas instâncias superiores, estão inseridos.

Na etapa piloto explorei os níveis de percepção moral, em níveis de gradação, dos transeuntes: o quão aceitável, repudiável ou neutro achavam determinada postura. Nesse ponto, é fundamental diferenciar a figura do morador do bairro, que possivelmente carrega a moral vigente, da do visitante, que pode deslocar moralidades de outros pontos da cidade. Desse modo, ainda que presentes no mesmo espaço e tempo, esses personagens podem apresentar códigos distintos e até conflitantes.

A aplicação do questionário foi conduzida por meio digital, através da ferramenta *Google Forms*. Inicialmente foi disparado para grupos de amigos, conhecidos, alunos, parentes

⁵ Os mapas e os dados foram acessados através do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e do IPP (Instituto Pereira Passos).

⁶ Em apenas quatro anos e sozinho.

⁷ Essas zonas não são oficiais, salvo a zona sudoeste, e são configuradas a partir da junção de algumas áreas administrativas da prefeitura do Rio de Janeiro com base em critérios geográficos, urbanístico e socioeconômicos. Trata-se de categorias histórico-geográficas e simbólicas que surgiram ao longo do processo de expansão urbana e de produção social do espaço e encontram abrigo no seio social cotidiano dos cariocas.



e colegas de trabalho como forma de testar o instrumento. Com o *feedback* em mãos, algumas alterações foram feitas e então o grupo inicial teve aval para replicar o questionário em outros grupos de seu contato, tendo como requisito único a moradia na cidade do Rio.

Essas pessoas foram abordadas e informadas, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sobre a importância e relevância da pesquisa, seus objetivos e os princípios éticos que a orientam, conforme as diretrizes do Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Também foi comunicado a elas o tema de pesquisa, os riscos, os benefícios e, por fim, se tinha interesse em participar. Uma vez aceito, o participante acessava o questionário por meio do *QR code* e respondia pelo seu *smartphone*, quando quisesse e onde se sentisse à vontade. Desse modo, não houve interferência presencial do pesquisador.

Duas outras modalidades de aplicação foram empregadas. A primeira envolveu a distribuição do *link* em grupos específicos nas redes sociais⁸ — como o “Moradores da Zona Sul”, no *Facebook* —, com o mínimo de intervenção por parte do pesquisador. A segunda consistiu na abordagem presencial de participantes em diferentes espaços, ocasião em que as perguntas foram respondidas pessoalmente e anotadas por mim. Essa última abordagem apresentou o maior de interação entre pesquisador e participantes, pois eu perguntava, tirava dúvidas, observava as reações, etc.

Naturalmente, cada uma das três maneiras de aplicação implica dinâmicas, e provavelmente, resultados distintos. Por se tratar de uma pesquisa com temas sensíveis, levanta-se a questão: até que ponto o entrevistado fica mais à vontade em manifestar sua opinião genuína, especialmente quando é preconceituosa, respondendo sozinho em casa pela *internet*, ou tendo um entrevistador pessoalmente, em um espaço público, colendo seu relato? Em uma pesquisa sobre moralidades, o constrangimento, a vergonha ou outras emoções semelhantes, podem ser determinantes na fidedignidade ou contaminação da amostra.

Cabe ressaltar, contudo, que determinados participantes se interessaram pela pesquisa, e, a partir de uma conversa informal, suscitaram possíveis caminhos e roteirização para as futuras estratégias de investigação. Alguns desses relatos serão explorados na parte dos resultados.

Seis comportamentos morais foram pré-selecionados empiricamente⁹ para o piloto, a fim de verificar quais apresentavam maior relevância para aprofundamento futuro como

⁸ Essa escolha foi guiada pelos cortes da pesquisa: localidade (bairros e zonas), faixa-etária, gênero e escolaridade.

⁹ Os temas mais recorrentes na literatura sobre imoralidades e a partir da observação direta prévia feita por mim.

estudo de caso: presença de cachorros em shopping centers, uso de roupa de banho (sunga e biquíni) fora da praia, comportamento homoafetivo em espaços públicos, amamentação em espaços públicos, uso da maconha em espaços públicos e relacionamentos afetivos não monogâmicos (abertos/poligamia).

Contemplaram-se tanto perguntas fechadas, quanto abertas. Nas perguntas fechadas, estipulei cinco níveis de resposta que variaram de total aceitação (1), passando por razoável (2), indiferente (3), reprovação parcial (4) e repúdio (5). Não utilizei os mesmos adjetivos para as diversas perguntas. Optei também por não fazer uso diretamente dos termos “moral” ou “imoral” nas perguntas, acreditando que isso poderia confundir o entrevistado. Em seu lugar foi adotado um conjunto de adjetivos e locuções, sistematizados segundo a bibliografia consultada, que se relacionam à moralidade de múltiplas maneiras, formando um vocabulário moral abrangente (figura 1).

Figura 1: Vocabulário moral

VOCABULÁRIO MORAL		
Aceitável	/	Inaceitável
Natural	/	Não natural
Normal	/	Não normal
Favorável	/	Não favorável
Bom	/	Mau
Aprovado	/	Desaprovado
Apropriado	/	Desapropriado
Adequado	/	Inadequado/indevido
Certo	/	Errado
Bem visto	/	Mal visto
Honroso	/	Desonroso
Dever/obrigação	/	Proibido/Não deve/vergonha/culpa
Digno/justo	/	Injusto/indigno
Dentro do/pertencente	/	Fora do lugar/não pertencente

Fonte: elaboração do autor (2024).

Nesse momento, outro dilema ficou evidente: como fazer perguntas sobre temas delicados, com o objetivo de coletar determinados dados, sem soar agressivo, preconceituoso ou tratar de algum tema tabu a ponto, inclusive, de perder um perfil completo de entrevistados¹⁰ que se negariam a participar? Há uma linha deveras tênue nessa pergunta,

¹⁰ Determinada religião, idade, gênero, etc.



contudo uma tentativa de solução foi testada, como veremos adiante, e parece não ter sido muito eficaz.

Outra possível consequência do dilema anterior é registrar respostas fictícias motivadas pelo constrangimento, vergonha, preocupação dos participantes com a sua imagem ou receio de algum tipo de retaliação. Esses ruídos foram observados nas respostas abertas e na pré-testagem do piloto. Todos esses empecilhos precisam ser considerados em uma pesquisa sobre moralidades nas ciências humanas. O pesquisador, inevitavelmente, vai tratar de temas incômodos para muita gente.

Dois casos exemplificam as preocupações levantadas. Um dos seis temas escolhidos trata de preconceito quanto à orientação sexual. Na pergunta “como você avalia comportamento homoafetivo em espaço público?”, os adjetivos que seriam inicialmente utilizados eram: “certo/errado ou a favor/contra”. Após algum tempo de reflexão com meu orientador e outros pesquisadores, decidimos atenuar a pergunta, para não perder o dado por inteiro, e passamos a adotar adjetivos menos ásperos: “apropriado/desapropriado”.

Embora a estratégia não tenha deixado a pergunta menos intolerante, ela funcionou na medida em que não obtive qualquer questionamento ou reclamação acerca do teor preconceituoso do piloto, contudo, as respostas abertas para a pergunta se basearam no modelo oposto, o comportamento heteroafetivo, pois ao pensar em “apropriado” e não mais em “certo”, o foco da pergunta se acomoda na relação entre a ação (comportamento) com o lugar (espaço público), e não na ação em si (comportamento errado o certo).

A situação descrita confirmou um temor nosso: para cada adjetivo escolhido, está se fazendo, efetivamente, uma nova pergunta, E, para cada nova pergunta, há novos sentidos, novos significados e novas formas de responder. Em última instância, para cada adjetivo, ainda que na mesma pergunta, temos dados finais distintos.

O segundo caso ocorreu na fase de pré-testagem, quando duas pessoas confessaram que não responderam com sinceridade por receio das consequências. Isso demonstra que não ficaram confortáveis em falar o pensam sobre o tema abordado. Durante a aplicação presencial, notei que alguns perfis rejeitavam mais participar do que outros assim que descobriam qual era o tema de pesquisa. Urge a necessidade de um tato do pesquisador quanto ao que se quer saber, o que se quer perguntar e como fazê-lo de modo que não afaste o participante, nem o induza a respostas não genuínas e consiga o dado.

Por fim, a última etapa destinou-se ao recolhimento dos dados brutos, ao seu tratamento e à análise final. Neste artigo, apresento uma demonstração desse percurso e, simultaneamente, faço um convite à reflexão sobre todo o processo metodológico, desde a



elaboração do instrumento e a escolha dos temas até a definição da forma, local e horário de aplicação, bem como das estratégias de abordagem, entre outros aspectos considerados ao longo do texto.

REFERENCIAL TEÓRICO

As circunstâncias promovidas pela nova Geografia Cultural, nascida nos anos 70 e 80, e que inaugurou um amplo movimento de renovação dentro da ciência geográfica, têm muito a ver com o florescimento da Geografia Moral. A partir da abertura temática, estabeleceram-se novas problemáticas e objetos de pesquisa dentro do campo de saber geográfico (Gomes, 2008 & Jackson e Cosgrove, 2003). A Geografia e Moral, faz parte desse contexto e emerge enquanto um subcampo de análise.

Autores como Stephen Legg e Michael Brown (2013), Gunhild Setten (2020), Roger Lee (2004), David Smith (1997), Yi-Fu Tuan (1988) e outros, abordam em suas obras questões que unificam a Geografia às questões morais: as paisagens morais e seus discursos, a regulação histórica e geográfica da moralidade, as espacialidades do real e do bom, as escalas morais, a mobilidade da moral, a utilização normativa dos recursos da Terra, a aspiração ao bom, sistemas ético-morais, etc.

Para Smith (2000) a preocupação com os valores morais na Geografia experimenta uma virada¹¹ nos anos 90. A herança deixada pelo radicalismo marxista, em consonância com a geografia cultural renovada, transformou o lugar da moral na Geografia e pôde ser observada em ensaios, conferências e revistas, tais como o periódico *Ethics, Place and Environment* – uma coletânea editada sobre tópicos que conectam geografia à ética e revisões da crescente literatura sobre essa interface disciplinar (Smith, 2000).

O autor comenta sobre o período pós virada:

“os trabalhos realizados sob a égide das ‘geografias morais’ tornaram-se subsequentemente, comuns [...] Esses estudos fornecem uma variedade de leituras morais do comportamento humano em relação ao ambiente construído e também à natureza¹²” (Smith, 2000, p. 6).

O renomado geógrafo Claval, ao se debruçar sobre estilo de análise das monografias inspiradas em Pierre Deffontaines — integrante de um ramo da escola francesa de Geografia Cultural do início do século XX —, aponta a ausência de “questionamento das representações

¹¹ O autor usa o termo “*moral turn*” (Smith, 2000, p. 5).

¹² Work conducted under the rubric of ‘moral geographies’ has subsequently become common [...] These studies provide a variety of moral readings of human behaviour in relation to the built environment and also to nature.



e dos valores que levam as pessoas a agir de uma certa maneira ao invés de outra, a organizar o espaço segundo um modelo ao invés de outro” (Claval, 1997, p. 91). A crítica de Claval evidencia a importância de categorias de análise de ordem moral, que, na virada do final do século XX, passam a integrar o escopo de preocupações da ciência geográfica.

Assim, a investigação sobre as moralidades quotidianas aqui proposta pode ser situada em dois dos eixos de análise da Geografia Cultural sistematizados pelo autor: a dimensão coletiva, na qual a cultura deve ser estudada sob a ótica da comunicação, ou a dimensão individual, em que a cultura forja identidades (Claval, 1997).

Sabendo-se, porém, da infinidade de concepções e teorias a respeito do conceito da moral (e da sua interação ou confusão com o da ética), foi necessário um posicionamento preciso das fronteiras conceituais a serem empregadas no estudo. A definição de moral, portanto, adotada no presente trabalho diz respeito ao conjunto de normas, deveres e condutas construídas socialmente e validadas pelos grupos em determinados espaços e temporalidades.

Já o que denomino comportamento moral corresponde à conduta orientada pelas noções de dever, obrigatoriedade: “o *correto a se fazer*”¹³. Trata-se de uma ação governada internamente pelo sujeito (Foucault, 2006), mas permanentemente submetida à vigilância, ao julgamento e, por vezes, à punição externa — seja por meio de olhares e comentários coercitivos, conflitos físicos ou até mesmo sanções legais. Esse agir se situa dentro de um padrão de comportamento que produz uma expectativa moral¹⁴, a qual, quando não atendida, pode levar o indivíduo a vivenciar sentimentos de culpa, exclusão, vergonha moral (La Taille, 2002) e outros.

O comportamento moral, sob essa perspectiva, resulta da interação entre o sujeito e o espaço, de modo que os lugares qualificam determinadas ações e, reciprocamente, as ações também atribuem sentidos aos lugares. Expressões cotidianas como “*aqui não é lugar disso*” ou “*esse é o lugar para tal coisa*” revelam essa relação. Nesse sentido, os cenários (Gomes, 2008) desempenham a função de conferir significado às ações, validando algumas e reprovando outras, constituindo-se, assim, em paisagens morais (Setten, 2020) por excelência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A despeito do foco central desse artigo, a fase piloto não é o fim da investigação, mas um ponto de partida, como tentei demonstrar ao longo do texto. Essa etapa, inclusive, pode

¹³ Expressão coloquial.

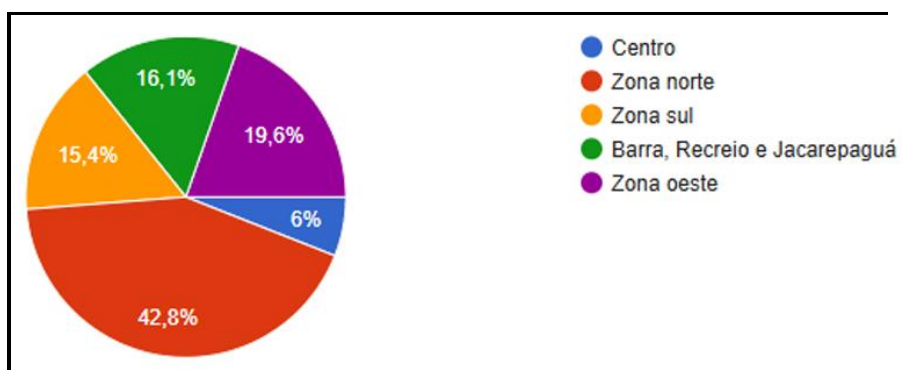
¹⁴ Como é esperado que os demais se comportem pelo grupo, como devem se portar.

levar a algumas alterações no recorte espacial, na escala adotada, nos instrumentos analíticos ou até mesmo no(s) tema(s) contemplado(s) enquanto estudo de caso no decorrer da pesquisa.

Isso se dá porque algumas áreas e pontos da cidade ganham maior destaque se o tema a ser aprofundado for a amamentação ou o uso da maconha em espaços públicos, por exemplo. A materialidade do fenômeno pode igualmente sofrer alterações: a presença de cachorros em shopping centers apresenta uma materialidade mais evidente e tangível na paisagem do que a prática de relacionamentos afetivos não monogâmicos.

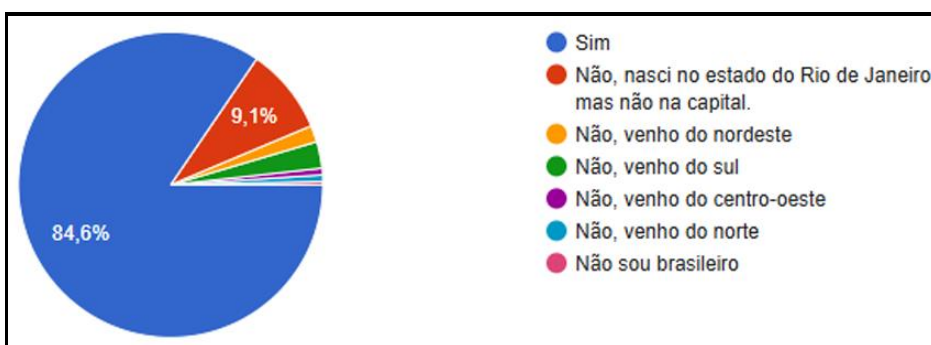
A aplicação do questionário piloto se encerrou em dezembro de 2024. Foram aplicados 285, dos quais 42,8% são de moradores da zona norte, 19,6% da zona oeste, 16,1% da zona sudoeste¹⁵, 15,4% da zona sul e 6,0% do Centro. Desses, mais de 84% são nascidos na cidade do Rio de Janeiro, como mostram os gráficos (figura 2 e 3) a seguir.

Figura 2: Localização dos participantes dos questionários pilotos aplicados



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Figura 3: Cidade de nascimento dos participantes dos questionários pilotos aplicados

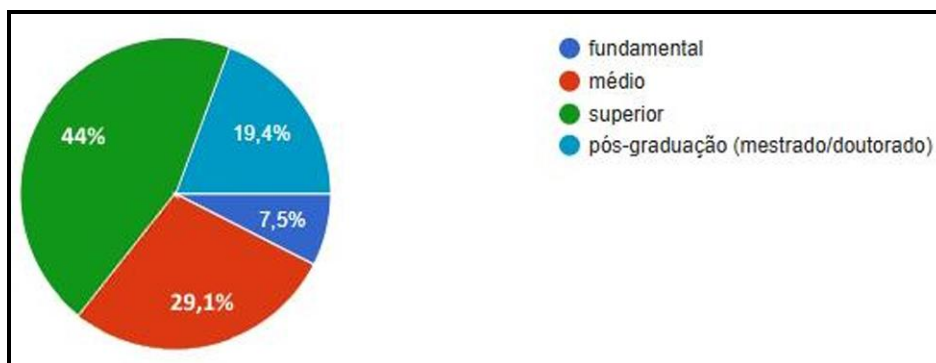


Fonte: arquivo pessoal (2024).

¹⁵ No momento da aplicação a zona sudoeste ainda não havia sido criada por lei.

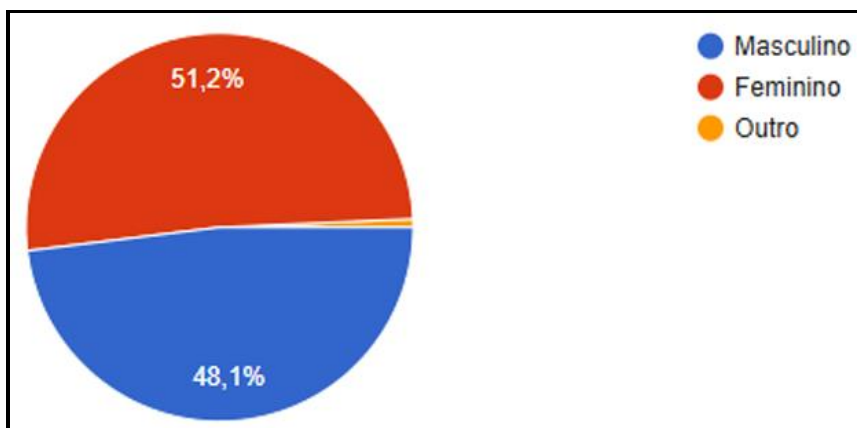
Sob a perspectiva espacial, os dados indicam uma maior concentração na Zona Norte. No entanto, essa predominância não se repete nos demais recortes — gênero, faixa etária e escolaridade — que se mostram mais equilibrados ao longo da amostra. Observa-se apenas uma leve predominância do público feminino (figura 5), da faixa etária entre 41 e 50 anos (figura 6) e de participantes com nível superior de escolaridade (figura 4).

Figura 4: Escolaridade concluída dos participantes



Fonte: arquivo pessoal (2024)

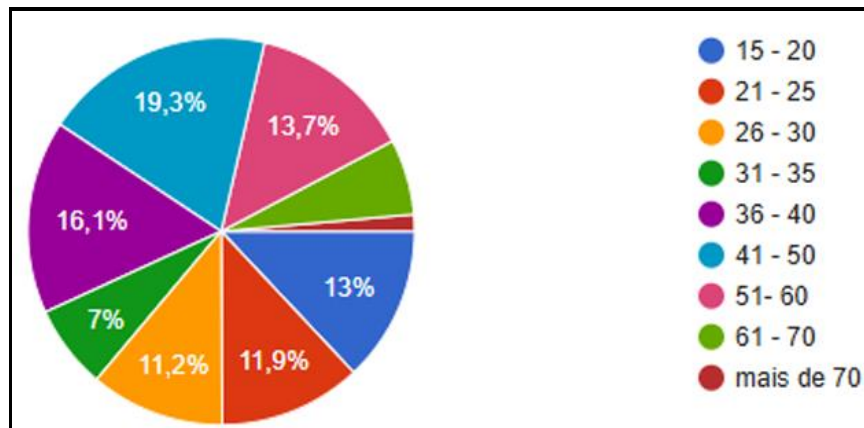
Figura 5: Gênero dos participantes.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Os resultados preliminares apontam para os seguintes dados: dos seis comportamentos elencados, observa-se certo equilíbrio quanto à aprovação e desaprovação moral, salvo um comportamento que apresentou grande descolamento. Trata-se da amamentação em público, no qual 81,8% dos entrevistados acharam totalmente correto ou adequado amamentar em público, em outras palavras, é possível inferir que o avaliaram como uma conduta moral.

Figura 6: Idade dos participantes



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Outros dois comportamentos apresentaram relativa concentração, seja para o repúdio, como é o caso do uso da maconha, no qual 36,8% julgaram como errado, afirmando ser totalmente contra, o que atesta a percepção imoral da conduta; seja para a aceitação, em que 53,7% julgaram apropriado o comportamento homoafetivo em espaços públicos, logo, moral.

Como justificativa para os comportamentos citados anteriormente, as respostas tenderam, no caso da amamentação, para o apelo da naturalidade do ato: *“Porque é algo natural do ser humano, não é ofensivo dar o peito em público”*. Já no caso do uso da maconha, a questão da ilegalidade da prática teve maior prevalência: *“Enquanto não for legalizado sou contra”*, mesmo após a descriminação do porte para uso pessoal por vias do Supremo Tribunal Federal¹⁶.

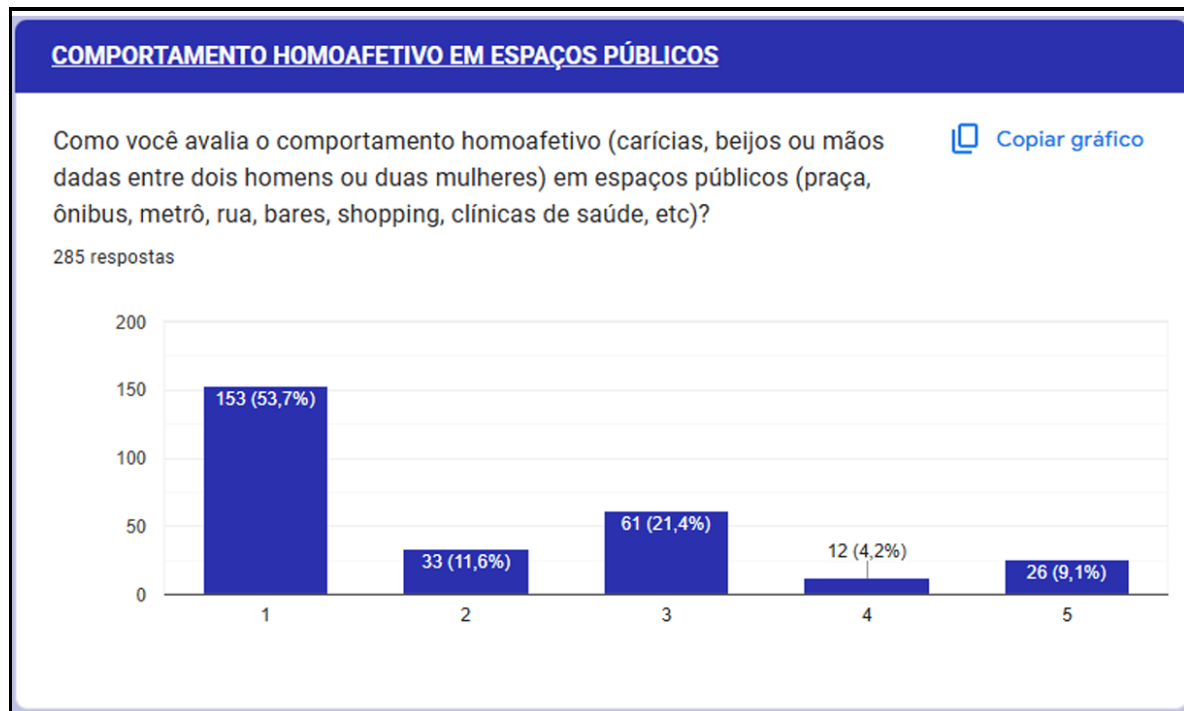
Já no comportamento homoafetivo em espaços públicos, a comparação com o comportamento heteroafetivo se fez muito presente enquanto argumento de legitimidade: *“Se heterossexuais têm direito, a comunidade LGBTQIA+ também tem”*, *“Se um casal hétero pode ter esse comportamento, porque um casal homoafetivo não poderia?? Não enxergo distinção alguma”*, *“Por que se é direito devum casal heterossexual, deve ser direito de todos”*.

Durante a observação direta dos comportamentos na fase piloto, ocorrida nos espaços públicos e em shopping centers da cidade, foi possível observar um aumento significativo da presença de cães nos centros comerciais. Segundo o Censo dos anos de 2023/2024, promovido pela ABRASCE (Associação Brasileira de Shopping Centers), a cidade do Rio de Janeiro apresenta adesão acima da média nacional para essa prática.

¹⁶ O acórdão ocorreu em 26 de junho de 2024.

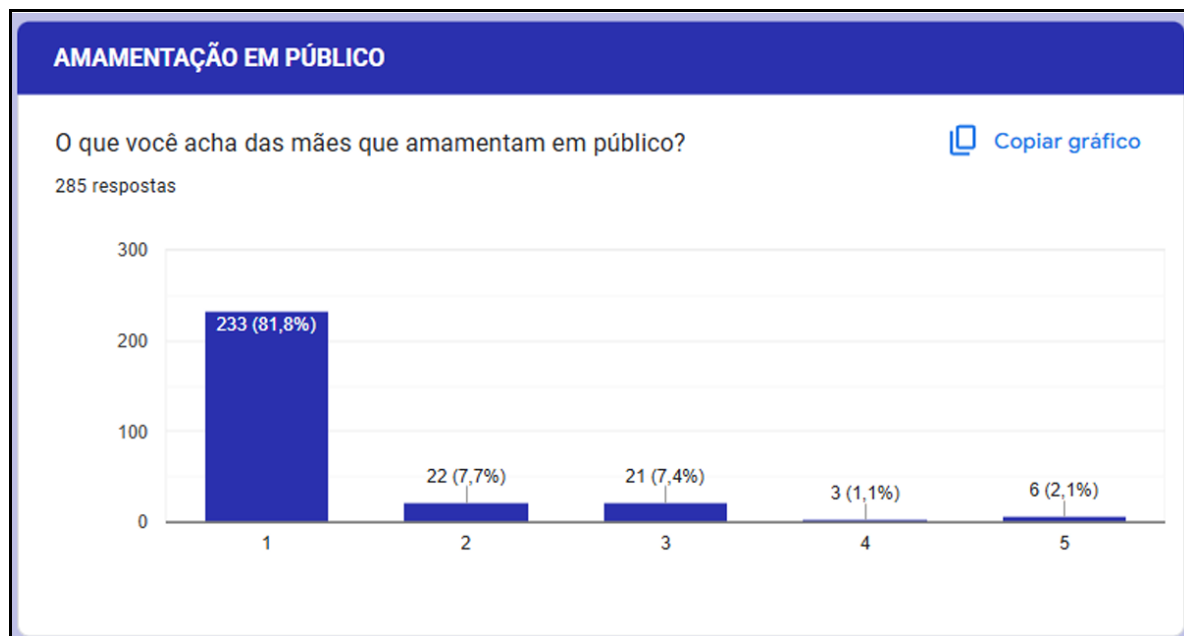


Figura 7: Avaliação do comportamento homoafetivo em espaços públicos.



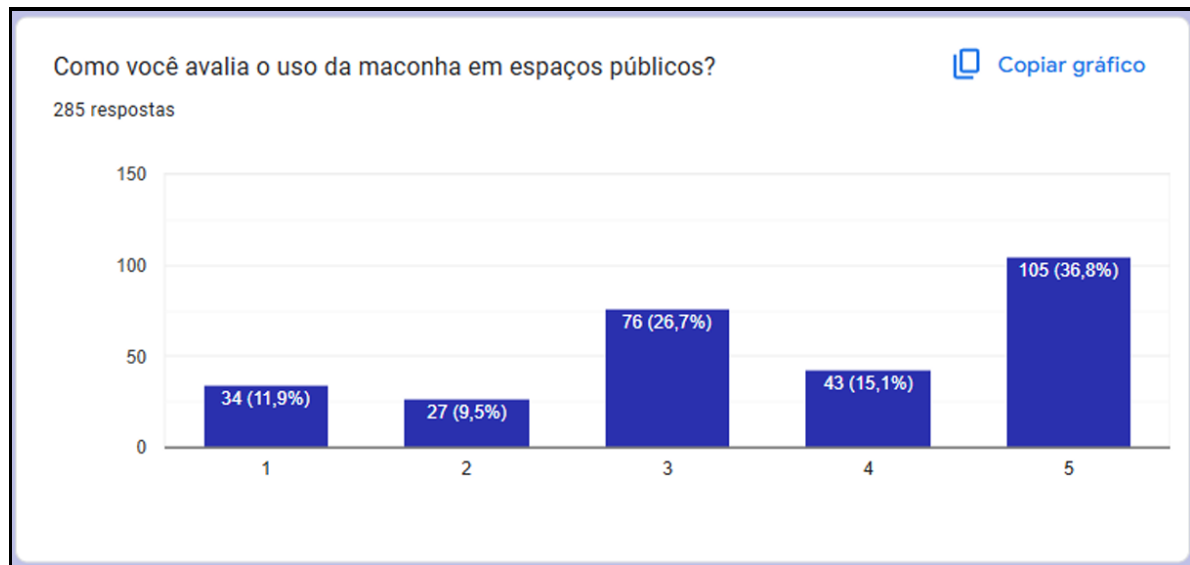
Fonte: arquivo próprio (2024).

Figura 8: Avaliação da amamentação em público.



Fonte: arquivo próprio (2024).

Figura 9: Avaliação do uso de maconha em espaços públicos.



Fonte: arquivo próprio (2024).

Dos frequentadores que possuem animais de estimação no Brasil, 30% têm como hábito ir ao shopping acompanhado de seus pets. Na cidade do Rio de Janeiro, o percentual é de 33% (ABRASCE, 2024). Há, inclusive, dois shoppings com espaços exclusivos para o descanso e o lazer dos cães: ParCão no Barra Shopping e no ParkJacarepaguá.

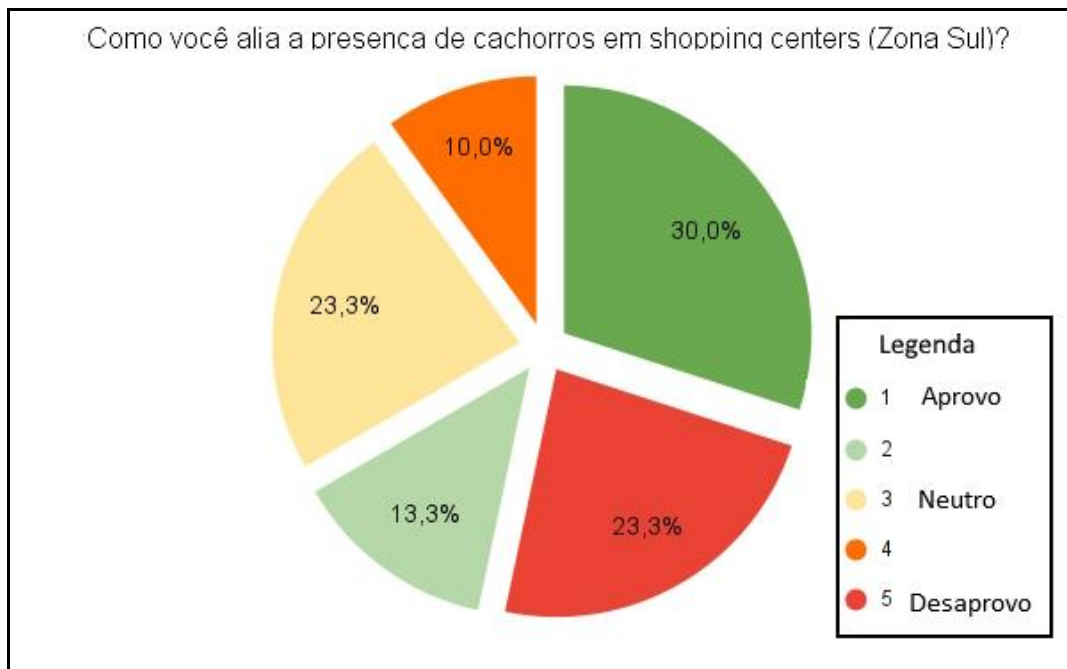
Uma das cariocas abordadas para responder ao questionário na zona sul, comentou que recentemente havia se mudado e passou a adotar o hábito de ir com o seu cachorro ao shopping, coisa que não ocorria em seu antigo bairro de moradia (em outra zona da cidade). Segundo ela, a mudança se deu porque percebeu ser um comportamento mais aceito no novo bairro, onde mais pessoas lançavam mão da prática.

A zona sul da cidade do Rio de Janeiro é de fato a porção da cidade onde mais se observa a presença de cachorros nos shoppings juntamente com a zona sudoeste, mas são também justamente as mesmas onde se verifica a maior rejeição ao comportamento: 21% sudoeste e 23,3% sul (figura10). Segundo outro entrevistado, morador da zona sul, inicialmente ela tinha uma postura neutra, contudo, após presenciar um ataque de um cão a um idoso, mudou de ideia e hoje admite ser contra o costume.

Para além dos cachorros, tem sido possível verificar também que os outros comportamentos, salvo a amamentação em público, apresentam sensíveis diferenças espaciais nas suas manifestações ao longo da cidade. Como exemplo, um dos entrevistados relatou que nas zonas sul e sudoeste as pessoas não “perturbam” o usuário e enxergam o ato com

normalidade, contudo, na zona norte, ele percebe que um ou outro morador “*olha de olho torto*”, fazendo uma clara alusão a um julgamento moral de reprovação.

Figura 10: Avaliação da presença de cães nos shoppings da zona sul carioca.



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

O participante relatou que, na Zona Oeste, onde reside, os locais de encontro para o uso estão se expandindo e novos espaços vêm surgindo. A partir de seu relato e do mapa mental que tentou me transmitir, compreendi que a moralidade em torno da maconha se manifesta de forma praticamente contínua na Zona Sul, em rede e em expansão na Zona Oeste, e de maneira isolada, em ilhas, na Zona Norte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como explicitado ao longo do texto, a abordagem apresentada refere-se à etapa piloto de uma pesquisa de doutorado em seu estágio intermediário, bem como às reflexões metodológicas dela decorrentes. As premissas e questões centrais, discutidas durante o XVI ENANPEGE, foram retomadas e desenvolvidas nesse texto, incorporando as contribuições suscitadas ao longo do evento.

Foi realizada uma reflexão sobre os desafios metodológicos e de tratamento envolvidos nas pesquisas que tomam a moralidade como objeto de investigação. Observou-se



que a moral vigente em determinado tempo e espaço orienta a escolha dos temas e das questões de pesquisa, definindo o que deve ser estudado, de que forma, quais métodos são aceitos e quais são rejeitados, além do que é considerado inapropriado investigar. Essa conjuntura torna as pesquisas no campo da Geografia Moral um desafio significativo.

Os resultados preliminares obtidos nos permitem afirmar que o espaço geográfico possui enorme relevância na manifestação do fenômeno da moralidade. Alguns dos dados produzidos, ainda que em pequena amostragem, apontam para uma altíssima aprovação dos cariocas à conduta de amamentação em público e para uma considerável aceitação do comportamento homoafetivo nos espaços públicos. Aceitação essa balizada, segundo os entrevistados, pela noção de igualdade e justiça frente ao comportamento heteroafetivo que é visto como normal.

Verificou-se também um considerável repúdio ao uso da maconha nos ambientes públicos. Nesse caso, a principal justificativa se agarrou à concepção da “ilegalidade” do ato. De uma forma geral, com exceção da amamentação, foi possível notar uma sensível diferença de aceitação das condutas de acordo com as zonas da cidade onde ocorrem.

A prática de passear com cães em shoppings, o uso de roupa de banho e o uso da maconha em espaços públicos, por exemplo, foram vistas de forma mais “natural” na zona sul e na zona sudoeste do que nas demais zonas. No caso dos pets, há ainda um elemento curioso, pois, embora se trate de uma prática muito adotada na cidade maravilhosa (superior à média nacional), e com alta frequência na zona sul e sudoeste (zonas pioneiras), foram justamente nelas que encontramos a maior rejeição. As razões se mostraram muito difusas, o que suscita um interessante ponto de investigação.

Por fim, é seguro afirmar, a partir dos comportamentos pré-selecionados, que a cidade do Rio de Janeiro se configura como valioso cenário para a investigação da relação entre o espaço e a moral. Para os próximos passos da pesquisa, pretendo dar continuidade à investigação moral, selecionando, em definitivo, a conduta a ser decodificada enquanto estudo de caso aprofundado, bem como as suas áreas amostrais e escalas dentro da cidade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SHOPPING CENTERS. **O comportamento dos frequentadores do shopping centers.** 2024.

CLAVAL, P. **As abordagens da Geografia Cultural.** In: CASTRO, I.; GOMES, P. e CORREA, R. (org.) *Explorações geográficas.* São Paulo: Bertrand Brasil, p. 89 e 118, 2000.



COELHO, A. **Filosofia Moral: Ética e Moral**. Disponível em: [link](#) - Acesso em 25 de agosto de 2022.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981–1982)**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOMES, P. **Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações**. In: ROSENTAL, Z. e CORRÊA, R. L. (org.) Espaço e Cultura: pluralidade temática, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

GUIMARÃES, V. **Bilac e a geografia moral da cidade: os clubes dançantes nos subúrbios do Rio de Janeiro**. Publicado em meio digital por Laboratório de História do Esporte e do Lazer - UFRJ: [link](#) - Acesso em 13 de maio de 2016.

JACKSON, P. e COSGROVE, D. **Novos rumos da Geografia Cultural**. In: CORREA, R. e ROSENTAL, Z. (org.) Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand, p. 135-146, 2003.

JUNIOR, N. J. **Olavo Bilac E As Diversões Suburbanas: A Projeção De Uma Geografia Moral Carioca (1904-1906)**. Belo Horizonte, Licere, v. 20, n.4, p. 350-371, 2017.

LA TAILLE, Y. **O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 15, p. 13-25, 2002.

LA TAILLE, Y. **Moral e Ética: Uma Leitura Psicológica**. Psic. Teor. e Pesq., Brasília, v. 26, n. spe, p. 105-114, 2010.

LEE, R. e SMITH, DM. **Introduction: Geographies of Morality and Moralities of Geography**. Blackwell Publishing, p 1-12, 2004.

LEGG, S. e BROW, M. **Moral regulation: historical geography and scale**. Journal of Historical Geography, n. 42, p. 134-139, 2013.

RACHELS, J. e RACHELS S. **Os elementos da Filosofia Moral**. 7ª edição. Tradução e revisão técnica: Delamar José Volpato Dutra. AMGH, 2013.

SETTEN, G. **Moral Landscapes**. In: Kobayashi, A. (Ed.), International Encyclopedia of Human Geography. Elsevier, n. 2, v. 9, p. 193–198, 2020.

SMITH, D. M. **Moral Geographies: Ethics in a World of Difference**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

WERNECK, A.; FERREIRA, L. (org.). **Questões de moral, moral em questão: estudos de sociologia e antropologia das moralidades**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.